

ENSINAR A FILOSOFAR: UMA QUESTÃO PEDAGÓGICA... UMA ATITUDE DE CRIAÇÃO

Maria Eliane Rosa de Souza¹

RESUMO: O artigo analisa a problemática que envolve o ensino da filosofia nos dias atuais. Afinal, devemos ensinar a filosofia ou ensinar a filosofar? A investigação desta questão se desenvolve, principalmente, à luz do pensamento de Deleuze e Guattari, que tomam a filosofia como um exercício que se faz a partir da criação de conceitos. Extensivos às posturas destes dois pensadores – ainda que consciente da importância da história da filosofia – postulamos que para além das exegeses, a filosofia supõe, antes, a atitude criadora; a forma que afeta; o embate que anuncia o problema; a abstração que transcende a partir da imanência; enfim, novas hospedagens que desabituem o educando para, então, projetá-lo em um novo trajeto, em que “ensinar a filosofar” supõe acima de tudo uma atitude criadora, reflexiva e crítica.

Já há alguns anos a aprovação da filosofia como disciplina no ensino médio vem suscitando alguns questionamentos em torno de sua prática pedagógica. A questão apresenta três vertentes: em primeiro lugar, no ensino médio exige-se uma prática pedagógica mais próxima da realidade do aluno, um fazer entender as abstrações filosóficas sem, no entanto, exceder no caráter abstrato por incorrer no risco de não se fazer entender; no ensino superior, por sua vez, a licenciatura em filosofia cobra uma prática pedagógica que se coadune com a realidade do ensino médio e, ao mesmo tempo, que obedeça ao critério de aprofundamento reflexivo e à necessidade da pesquisa inerentes à própria filosofia. Em terceiro lugar, quando se trata da presença da filosofia na grade de outros cursos superiores o quadro que encontramos é a sua gradativa perda de espaço. Isso parece sintomático e traz consequências: à medida que, entre os homens, a reflexão e o nível de consciência diminuem, aumenta inversamente a “dureza” com que passam a lidar com o mundo.

Certamente essa perda de espaço da filosofia não é mais por ser ela subversiva ou por representar perigo à ordem como em tempos outros, mas em função de uma exigência mercadológica voltada exclusivamente para a formação técnica. O mundo moderno iniciou a trajetória do homem como dominador do conhecimento e da natureza e a contemporaneidade a selou com a marca do mais extremado subjetivismo. Importa ressaltar, no entanto, que essa

¹ Professora do Departamento de Teologia e Filosofia da Universidade Católica de Goiás. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: mariaelianer@terra.com.br

realidade começa a dar sinais de exaustão pela força centrada na concepção de um “eu” isolado e de pessoas moldadas pelo mercado e incapazes de enxergar a vida humana pelo crivo da alteridade e do diálogo. A outra face dessa moeda é bem conhecida por nós e revelada nos desafiadores problemas éticos do mundo contemporâneo, entre os quais podemos citar: a política, retratada pelas relações de competição internas e externas aos Estados; a economia explicitada, de um lado, por uma produção gigantesca e, de outro, por miséria, fome e mortes por inanição; o trato com o meio ambiente, subjugado ao poder econômico e relegado à condição catastrófica de ameaça à vida. Em meio a essas condições, inicia-se uma pequena abertura de espaço para a reflexão filosófica como forma de procurar entender e de buscar soluções aos problemas causados por uma produção material desmedida quanto às suas conseqüências. Essas soluções, é claro, passam pelos caminhos da educação.

Todas essas circunstâncias nos remetem ao sentido e ao lugar da filosofia e do filosofar no mundo contemporâneo; desde a sua contribuição na construção de uma nova e melhor localização do homem frente ao mundo, até a revisão de sua própria prática pedagógica nos ensino médio e superior. De onde resultam duas questões: de que forma a reflexão filosófica poderia contribuir para a revisão do tecnicismo mercadológico exacerbado que começa a sofrer as conseqüências de suas próprias mazelas? Qual a relação dessa realidade com a prática pedagógica da filosofia, isto é, com o exercício do filosofar?

Iniciemos a trajetória de repostas a essa perguntas tomando como referência o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra “*O que é a Filosofia?*”.

Filosofia se faz criando

As questões que Deleuze e Guattari nos ajudam a refletir neste texto versam sobre o sentido do fazer filosofia. E o problema que se coloca anteriormente a este se refere à pergunta pelo que é ou em que consiste a filosofia. Ambos a definem como “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (2000, p.10). E repetem com veemência: “criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia” (Idem, p. 13). Deleuze e Guattari lembram, ainda, que no cerne da resposta não seria suficiente apenas o acolhimento da questão, mas que se “determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão” (Idem, p. 10). Sob essas circunstâncias, conceitos, paisagens e personagens, a filosofia deve ser capaz de despertar algo naquele que trava o diálogo com o pensamento.

Assim, compreender a filosofia como a arte da criação de conceitos remonta ao fato de que o filosofar não pode se resumir às extensas exegeses que geralmente o tem caracterizado nas

academias hoje. A história da filosofia está repleta de exemplos de filósofos que pensaram seus problemas e suas questões a partir da criação dos seus próprios conceitos, entre os quais citamos: o “*uno*” de Parmênides e de Platão na busca da essência; o “*cogito*” de Descartes na procura da verdade; a “*transvaloração*” de Nietzsche como desafio aos valores instituídos; o “*nôumeno*” de Kant na busca pelo conhecimento; e o próprio “*conceito*” de Deleuze e Guattari pelo qual se intenta compreender em que consiste a filosofia. Estes são apenas alguns exemplos que mostram como cerne da filosofia a atitude criadora; a forma que afeta e convida à construção; o embate que provoca e anuncia o problema; a abstração que transcende; enfim, novas hospedagens capazes de desabituar o ser humano para, daí, projetá-lo em novos trajetos que causam, não fortuitamente, um certo “desconforto”.

A propósito, “desconforto” é um termo que caracteriza muito bem o início da filosofia, talvez mais do que a admiração ou o espanto² – nossos velhos conhecidos – em função de que ele nos afeta particularmente. De um modo geral à sensação de desconforto segue-se o incômodo que provoca reações na busca de seu contrário, podendo gerar, desde que bem orientada, a prática de um pensamento aprofundado. E nesse sentido, pode-se dizer que o desconforto é um convite à criação.

A filosofia entendida como criação revela o necessário enfrentamento com o caos e sua possível ligação com a arte. Ambas, arte e filosofia, recortam a desordem do caos e povoam o seu plano de maneiras distintas, porém podem pensar e criar na mesma medida e não há nenhum empecilho que se entrecruzem ou que sejam criadas ao mesmo tempo uma pela outra. Do ponto de vista pedagógico, esta intersecção possibilita que o pensador fique livre para povoar o que antecede ao conceito ou mesmo o próprio conceito com entidades artísticas as mais diversas: do romance à poesia, da pintura rupestre à contemporânea, da escultura antiga à renascentista, da tragédia ou comédia grega a Shakespeare, da música clássica ao rock and roll. E o pode fazer porque “o plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro [...]” (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p. 89) É assim que a

A figura teatral e musical de Don Juan se torna personagem conceitual com Kierkegaard, e o personagem de Zarathustra em Nietzsche já é uma grande figura de música e de teatro. É como se de uns aos outros não somente alianças, mas bifurcações e substituições se produzissem. (Idem, pp. 88-9)

Do que se conclui que, antes de meramente reproduzirmos ou de nos repetirmos uns aos outros, seria melhor que nós, pensadores/educadores de hoje, priorizássemos a criação e imitássemos a atitude do artista que dá às suas criações e aos seus personagens dimensões

² Para Platão, discípulo de Sócrates, a filosofia começa com a admiração. Na mesma linha, para Aristóteles, discípulo de Platão, o início da filosofia ocorre com o espanto. Aqui admiração e espanto podem ser tomados como sinônimos e significam que aqueles que primeiro se colocaram uma dificuldade, se espantaram diante de sua própria ignorância e, portanto, filosofaram para fugir da ignorância.

gigantescas como se vida tivessem. Tais personagens, em sua mediocridade ou magnanimidade, bondade ou crueldade, se tornam grandiosos porque são marcados pela força da criação, porque se impõem como monumentos. “os artistas são como os filósofos, comentam Deleuze e Guattari, [...] viram na vida algo de grande demais para qualquer um, de grande demais para eles [...]” (Idem, p. 224). Essa grandiosidade em comum instaura o híbrido, bifurca o pensar e abre para uma cultura mais ampla, restituindo algumas condições imprescindíveis ao pensamento e à grandiosidade humana. O híbrido, usando um conceito deleuziano, se constituiria numa maneira de experimentar uma nova “reterritorialização”³ da filosofia que talvez suportasse melhor o fardo sobre o qual se encontra o seu ensino hoje. Tal fardo a relega, em sua maior parte, a um espaço que emudece pensadores futuros, fadados a jamais descobrirem seu potencial porque lá na origem tiveram o pensamento abortado. Talvez pudéssemos falar da instauração de uma cultura filosófica da mesma maneira em que temos uma cultura literária que, pelo mais puro exercício da criação, nos presenteou, por exemplo, com Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, Cora Coralina e tantos outros.

A criação do conceito

Em sua caracterização mais precisa Deleuze e Guattari lembram que a criação do conceito carrega consigo uma multiplicidade que guarda um devir ininterrupto. O conceito possui contorno irregular e supõe recorte e superposição; relaciona-se a outros conceitos e nasce de um problema, guardando uma história nem sempre linear. Mesmo quando criado a partir de outros conceitos, o conceito opera um corte com estes e assume novos contornos. Abre-se ao devir de planos e regiões contíguas e, por isso, pode se bifurcar e se entrecruzar. De um lado, o conceito possui singularidades e opera por intensidade; e de outro, é variação e opera por vibrações, caracterizando-se como puro acontecimento.

A criação de conceitos pressupõe ainda um solo, isto é, exige a presença de um plano de imanência, como uma instância pré-filosófica, que assegure as disposições dos espaços a serem ocupados pelos próprios conceitos. Isso significa que antes do início da filosofia é necessário um

³ Deleuze e Guattari em “*O que é a Filosofia?*” falam dos movimentos de desterritorialização e de reterritorialização do pensamento. Para ambos, o pensar não se relaciona ao sujeito e ao objeto, mas ao território. A terra é território em potência que não cessa de se movimentar, nela os conceitos são revistos e passam de um território a outro, isto é, se desterritorializam e se reterritorializam conforme o movimento da história. A filosofia opera por esses movimentos, anunciando conceitos sempre novos. Vejamos o que dizem os dois pensadores sobre os conceitos em questão: “Já nos animais, sabemos da importância dessas atividades que consistem em formar *territórios*, em abandoná-los ou em sair deles, e mesmo em refazer território sobre algo de uma outra natureza [...]. [...] o homínídeo: desde o seu registro de nascimento, ele desterritorializa sua pata anterior, ele a arranca da terra para fazer dela uma mão, e a reterritorializa sobre galhos e utensílios [...]. No capitalismo, o capital ou a propriedade se desterritorializam, cessam de ser fundiários e se reterritorializam sobre meios de produção [...]” (2000, pp. 98-9).

plano de imanência instaurado sobre o qual ela deslize, um lugar que permita o seu florescimento, um lugar que abrigue o contínuo apelo ao acontecimento. Na filosofia, o caráter mutável do conceito, ao invés de configurar o acontecimento numa matéria perene, permite a criação sempre nova. Espera-se do conceito que ele esteja sempre aberto, são suas próprias fissuras permitem que ele seja continuamente reinventado e recriado.

Mas, o que pretende precisamente a filosofia como criadora de conceitos? Ela “quer salvar o infinito, dando-lhe consistência: ela traça um plano de imanência, que leva até ao infinito acontecimentos ou conceitos consistentes, sob a ação de personagens conceituais.” (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p.253). Uma filosofia que se faz criando alcança algo especial e grandioso, tornando-se ímpar assim como a arte. Pensadores autênticos, assim como artistas autênticos, bem o sabem que não são as repetições que contam, mas a criação. Sabem também que é a partir do problema que a criação toca, ressoa, provoca e dilata pensamentos.

Sobre o ensino da Filosofia

No mundo em que vivemos, permeado pelos mais diversos fetiches e pela mercadológica, já não mais interessa pensar, no sentido radical do termo. Nele se fomenta a mais plena incapacidade da criação. Ao que nos cabe uma pergunta: como tornar a filosofia um exercício da criação de conceitos em condições tão adversas?

A tarefa é árdua porque criar conceitos exige condições prévias. O conceito precisa do amigo, enquanto conhecimento da história da filosofia; do rival, enquanto figura do embate de onde se externalizam os problemas; e dos personagens conceituais, figuras por meio das quais se explicitam os conceitos. A história da filosofia com seus vários personagens se abre aos conceitos, comportando proximidades e distanciamentos, desconfianças e competições, rivalidades enfim, que possibilitam o pensamento sem perder o sentido da intensa existência do personagem próprio àquele que pensa e cria.

No exercício do ensino da filosofia não podemos incitar a dicotomização entre a criação do conceito e o conhecimento da história da filosofia. O esforço deve ir na direção de levar a cabo as duas tarefas, isto é, por meio da história da filosofia saber instigar a criação de conceitos. Isso significa que os personagens já criados podem servir de ponto de partida para a criação dos nossos próprios conceitos. É como se o conceito se encontrasse em potência para o filósofo, que a partir do já pensado pode criar conceitos sempre novos, já que eles não se encontram inteiramente feitos e beiram o infinito e o ilimitado, já que infinitas e ilimitadas são as possibilidades de criação humana.

Esse apanhado de elementos cobra da filosofia consistência, atualidade de pensamento e capacidade de, por meio dos conceitos e seus personagens elucidativos, tornar claro o problema, a idéia, o sistema filosófico. O cerne da questão está na dificuldade do desenvolvimento de uma cultura que considere autêntica e válida suas próprias assinaturas e patentes. É nessa perspectiva que Deleuze e Guattari se apropriam do pensamento de Nietzsche quando ele declara que “os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los” (2000, pp. 13-4).

Em resposta à exigência de tal atitude criadora no ensino da filosofia postulamos que, de início, a forma apresentada pela arte possui uma capacidade diferenciada de aguçar a curiosidade e de provocar reações, mais do que do que um denso e pesado texto filosófico. Isso pelo simples fato de que a “forma” desperta o desejo, a aversão ou o entusiasmo, sentimentos que incitam com mais intensidade a criação. Para criar conceitos sempre novos, não tenhamos dúvida, precisamos do contato com “novas formas” que gerem desafios, afetos e desafetos. Daí a ligação entre filosofia e arte. Ligação se reforça ainda mais quando percebemos que o sentido que encontramos na realização de algo está no desafio, no processo da medição de forças, na dificuldade e na alegria da criação. Em filosofia, construir pensamentos e criar conceitos pressupõe que nos desarmemos como a postura de uma criança que encara com seriedade o desafio da brincadeira. Fazer ou não fazer filosofia depende de como somos afetados, depende do desejo, da sensibilidade e de questões a serem vencidas, que às vezes tornam o seu trajeto um tanto extenuante. Compreende-se, nesse sentido, que o trabalho com a filosofia não tenha que ser sempre lúdico ou agradável, mas que seu início seja incentivador.

Afirmamos junto com Deleuze e Guattari que em filosofia são os rivais que anunciam o problema ou a encruzilhada de problemas, sem os quais nem o conceito e nem a própria filosofia teriam razão de existir. Problematicar a realidade, eis um dos sentidos da existência do filosofar. Em outras palavras, os conceitos só podem partir de problemas mal vistos ou mal colocados. Eles são construídos ou refeitos na rivalidade do embate e possuem uma história de planos, devires, recortes, bifurcações e entrecruzamentos os mais diversos. Eles operam por variações em conformidade com sua vizinhança e não apresentam relações de extensão, medida, classificação, cálculo ou lógica no sentido do encadeamento de proposições. O conceito de um pássaro, por exemplo, “não está em seu gênero ou sua espécie, mas na composição de suas posturas, de suas cores e de seus cantos: algo de indiscernível [...]” (2000, p. 32).

Pelo sentido da criação, quando se faz filosofia, é importante e necessário que os conceitos não se repitam e não se perpetuem dado que são filhos de um tempo, de um problema, de graus de vizinhanças e de descontinuidades, de variações e intensidades diversas. Nisto consiste a nossa

aproximação com a história da filosofia e a atitude do filósofo de questionamento sobre a realidade que o cerca.

A Abstração e as novas hospedagens

A Filosofia tem sentido, sobretudo enquanto atividade criadora, porque a significação da vida humana – desde os aspectos existenciais até os problemas globais – exige, muitas vezes, que saíamos do “conforto” das superfícies para adentrarmos na profundidade dos mundos simbólicos culturais, políticos, econômicos, poéticos, artísticos, religiosos etc. Numa imagem, é como se habitássemos em uma casa contendo um sótão e um porão e tivéssemos, por vezes, que sair do conforto da sala de estar e adentrar nestes dois outros níveis da casa a fim de procurar saber o que acontece por lá. Aqueles que permanecem na sala de estar e não vão jamais ao sótão e ao porão carecem de uma certa dimensão da existência, pois permanecem ligados unicamente ao mundo prático e incapazes de identificar e avaliar os condicionamentos impostos a eles ou, ainda, de criar as condições que os libertem desses condicionamentos.

Tratar-se-ia, então, do auxílio para a modificação do nosso olhar sobre a realidade. Olhar aguçado e sempre novo, como que preparando o terreno para a construção de outros mundos ou conceitos. Sim, porque criar conceitos, ao modo como o compreendemos, é ler o mundo sob códigos e estratégias que nos permitem enxergar melhor o real, criando um saudável desconforto, “desbanalizando” e “desnaturalizando” as estruturas invertidas que se apresentam como reais. O que não é outra coisa senão a atitude de fazer um sobrevôo sobre o vivido e procurar os pontos de retornos, de novos vôos e de novos pousos.

O território da filosofia não é, nesse sentido, o das superfícies. Em seus ancoradouros mais profundos não há limitações ou demarcações. O que pretende é alargar-se cada vez mais e quando o faz marca necessariamente sua passagem pelo caos. No trajeto que se inicia no caos, a filosofia nos desabitua e nos leva a outras paragens, hospedando-nos nos esconderijos mais recônditos do pensamento, em lugares em que a maioria das pessoas não chegam jamais, não por impossibilidades pessoais, mas pela imposição de barreiras coletivas levantadas pelo mundo que os cerca. Mas como há sempre aquele número mínimo de pessoas que está em condições e que se interessa em desafiar o dado, em repensar as estruturas e em propor novos conceitos, vai haver sempre sentido à prática da filosofia.

Á guisa de conclusão, pode-se dizer que ensinar a filosofar, muito antes do que ensinar a filosofia, representa um ganho no exercício da reflexão e da crítica e, conseqüentemente, representa a possibilidade de formar indivíduos capazes de fazer os enfrentamentos éticos, políticos, sociais e

existenciais que o mundo contemporâneo impõe. Ensinar a filosofar exige uma postura pedagógica criativa e inovadora diferentemente da maioria das práticas que estamos habituados. O desafio se apresenta na necessária e imperiosa presença de uma prática que estabeleça a conexão entre a história da filosofia e a atitude criadora; o aprofundamento metafísico e a permanência no caráter imanente das questões e dos problemas; o incentivo à detecção e ao descortinamento dos problemas da realidade circundante; enfim, a instalação do “desconforto” de maneira retirar os educandos daquele lugar em que vêem todos os fenômenos e fatos como naturais. É à esta “desinstalação” que o exercício do filosofar deve permanecer sempre atento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.